

Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições presidenciais de 2018¹

Ana Julia Bonzanini Bernardi²
Jennifer Azambuja de Moraes³

Resumo

O uso do termo fascismo discorre sobre uma série de governos autoritários e totalitários com um forte apego populista. Primeiramente cunhado para definir o movimento liderado por Mussolini na Itália, também é comumente usado para descrever a ideologia nazista e outros governos autoritários, principalmente, concentrados no cerne da extrema direita – sobretudo com cunho militarista. Nesse sentido, dentro do contexto atual de expansão de governos de extrema direita em todo o mundo, o termo vem ganhando novos contornos. No caso brasileiro, embora muitos utilizem o termo autoritário, para descrever o novo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, buscamos, neste artigo, demonstrar, através de suas falas na campanha eleitoral e no primeiro mês de presidência, que este emprega, sim, um discurso com cunho fascista. Para tanto, realizamos uma releitura dos principais teóricos sobre o fascismo enumerando suas características encontradas no discurso bolsonarista, tais como: construção de um inimigo comum, exaltação de um passado mítico, desvalorização das minorias e desrespeito às liberdades democráticas em prol de uma guerra à corrupção.

Palavras-chave: Fascismo. Táticas Fascistas. Discurso. Bolsonaro.

- 1 Uma versão prévia deste artigo foi apresentada no VI Congresso Uruguayo De Ciencia Política (organizado pela Associação Uruguaia de Ciência Política AUCIP) ocorrido entre 9 e 12 de julho em Montevideo. As autoras agradecerem os comentários dos pareceristas e editores da Revista que permitiram aprofundar o tema e realizar a publicação.
- 2 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCP-UFRGS). E-mail: anajuliabernardi@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7768-6264>.
- 3 Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCP-UFRGS). E-mail: jennifer.amorais@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8670-9197>.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

I Introdução

Normalmente, quando falamos sobre fascismo, utilizamos o verbo conjugado no passado: “o que foi”, “quando acabou”, “quem eram seus representantes”. No entanto, a ideologia fascista não deve mais ser descartada como mera miscelânea de idéias mal-acabadas e obscuras, nem como uma cortina de fumaça cínica e propagandística usada para facilitar a implementação de determinadas intenções políticas (LANDA, 2010). Ou seja, essa ideologia deve estar presente nas discussões de Ciência Política atuais, pois os discursos de caráter fascista, feitos na atualidade, devem ser “levados a sério” e analisados.

Para além desta discussão acerca do autoritarismo e conservadorismo, alguns pesquisadores estão apontando para a necessidade de se debater o populismo nesta onda fascista (CALDEIRA NETO, 2020; GENTILE, 2020; FINCHELSTEIN, 2020); afinal, como destaca Finchelstein (2017), o populismo de direita no poder é uma forma de pós-fascismo que reformula o fascismo para tempos democráticos. Em contrapartida, o populismo de esquerda, por exemplo o do ex-presidente Lula, projeta a democracia representativa, através dos valores liberdade e igualdade, a partir de um líder carismático (GENTILE, 2020). No entanto, o “lulismo”, no âmbito dos populismos de esquerda, “polarizou a sociedade brasileira em torno de uma dialética “petismo x antipetismo” [...]; consequentemente, Jair Bolsonaro também pode ser interpretado como uma reação igual e oposta ao “lulismo”: populista, “antipetista”, “de direita” (GENTILE, 2020, p. 62).

Além disso, há aproximação ao nacionalismo, racismo e antipolítica. Segundo Finchelstein (2020), esse novo populismo da extrema direita é marcado pelo seu caráter globalista o que o aproxima de “uma nova internacional da direita”. Aproximando-se do fascismo, destaca-se que é o contrário do pluralismo, pois fala em nome de uma maioria imaginária e rechaça todas as opiniões que considera parte da minoria, principalmente o populismo de direita (FINCHELSTEIN, 2020).

O impacto dessa ideologia em regimes democráticos pode ser muito negativo, pois “[...] a política fascista pode desumanizar grupos minoritários mesmo quando não há o surgimento de um Estado explicitamente

fascista”; além do incentivo à intolerância política, através da política de divisão da população em “nós” e “eles” (STANLEY, 2018, p. 15), que faz distinções entre etnias, religiões ou raças. Em um contexto de ampliação das redes sociais, descrença na política e levante de regimes de extrema direita, a pós-verdade tem se mostrado como um terreno fértil para o crescimento de regimes populistas, e que, muitas vezes, apresentam um forte cunho fascista.

Temos como exemplo os Estados Unidos, onde um candidato considerado *outsider*, sem uma plataforma clara de políticas e públicas, se autoproclamava anti-esquerda e anti-PT e tinha como principal bandeira acabar com a corrupção no país. Jair Messias Bolsonaro, do PSL, chegou a ser chamado de “Trump brasileiro”, pois soube fazer uso de suas polêmicas como forma de estar sempre nas mídias, acavando ainda mais a sua campanha nas redes sociais (ISAAC; ROSE, 2019). A eleição de 2018 no Brasil tem muitos aspectos similares com a de 2016 nos Estados Unidos, principalmente no que concerne o candidato vitorioso, o uso de redes sociais e o fenômeno das *fake news* (BERNARDI, 2020).

No caso brasileiro, embora muitos utilizem o termo autoritário, para descrever o novo presidente brasileiro Jair Bolsonaro, neste artigo demonstrar buscamos, através de suas falas na campanha eleitoral e no primeiro mês de presidência, que o presidente emprega um discurso com fortes características fascistas. Para alcançar o objetivo proposto é feita uma análise de conteúdo dos discursos do segundo turno das eleições e do primeiro mês de mandato de Jair Bolsonaro, buscando as falas que se enquadram nos mecanismos do fascismo apontados pela literatura especializada. Mesmo que este artigo se debruce na análise de discurso dos primeiros meses de governo, entendemos que se faz ainda mais atual, dada à escalada fascista que observamos nas atitudes e nos discursos de Jair Bolsonaro ao longo do ano de 2020, frente à pandemia de Covid-19 no Brasil. O apoio deliberado a manifestações antidemocráticas e a antagonização com os demais poderes que o presidente vem demonstrando nestes dois primeiros anos de governo já se anunciavam nos seus discursos antes de sua chegada à presidência da república.

2 Sobre o fascismo

Sem dúvida, o fascismo é uma das ideologias políticas que moldou o século XX. Esse termo, inicialmente, foi cunhado para definir o regime estabelecido por Mussolini, na Itália, na década de 1920. E, durante a Segunda Guerra Mundial, cresceu com significativa força na Europa – na Hungria, em 1932, com Gyula Gömbös; na Romênia, em 1933, como movimento Guarda de Ferro; na França, em 1934, com o *Mouvement Franciste*, entre outros. O nazismo, na Alemanha, durante o governo de Adolf Hitler, de 1934 a 1945, também apresentou características semelhantes ao fascismo (PASSMORE, 2012; STANLEY, 2018). Sem dúvida, constituíram-se diferentes fascismos⁴, com características próprias em cada país, porém com um ponto em comum: o nacionalismo exacerbado, que, muitas vezes, gerava conflito e falta de solidariedade entre os países com essa ideologia.

Este crescimento do fascismo entre guerras se formou a partir de ideias, conceitos e problemas presentes em toda a sociedade europeia há séculos. A inovação dos fascistas, contudo, foi de reelaborar essas ideias de forma que pudessem servir às necessidades políticas que estavam se apresentando, dando coerência e tornando-as úteis (BERTONHA, 2000). Após o final da Segunda Guerra Mundial, vários regimes fascistas entraram em colapso; porém, tal ideologia ainda pode ser associada a determinados governos em pelo século XXI, pois ela vem se reinventando e tornando-se um “vírus” dentro da sociedade contemporânea (BERTONHA, 2000). E, em épocas de crise econômica e moral, como se está vendo pelo mundo, ressurgem fortemente relacionada às forças conservadoras com a promessa de solução dos problemas.

Faz-se necessário compreender o termo que, segundo Passmore (2012), é um conjunto de ideologias e práticas que procura colocar a nação, definida em termos biológicos, culturais e/ou históricos exclusivos, acima de

4 Bertonha (2000, p. 101) destaca que não se pode esquecer as enormes diferenças entre os diferentes movimentos fascistas; por exemplo: “[...] para os fascistas italianos, por exemplo, o Estado era a base de tudo enquanto para os nazistas o Estado era apenas a expressão da “comunidade racial do povo”, a qual seria realmente a chave da sociedade nazista. Do mesmo modo, o racismo e o antissemitismo são virtualmente desconhecidos no fascismo de Mussolini até 1938, enquanto, sem eles, torna-se impossível entender o nazismo”.

todas as outras fontes de lealdade, e criar uma comunidade nacional mobilizada. Assim, conforme o autor, “[...] o nacionalismo fascista é reacionário na medida em que implica uma hostilidade implacável ao socialismo e ao feminismo, pois eles são vistos como priorizando classe ou gênero em vez de nação, e é por isso que o fascismo é um movimento da extrema direita” (PASSMORE, 2012, p. 30).

Nesse sentido, Passmore reafirma que o fascismo é um movimento de direita radical, uma vez que atribui a mobilização do povo por um discurso que advém do poder de uma nova elite que, encabeçada por um carismático líder, traduz-se em um comportamento de massa, que:

[...] a partir de um partido militarizado se sobrepõem aos interesses conservadores – família, propriedade, religião, as universidades, o serviço civil – onde se considera que os interesses da nação exigem isso [...], aceitando demandas específicas dos movimentos trabalhistas e de mulheres, desde que essas exigências estejam de acordo com a prioridade nacional. (PASSMORE, 2012, p. 30-31).

Singer *et al.* (2020) ressaltam que o bolsonarismo vivenciado atualmente ressoa discursos e estratégias de uma velha tradição fascista no Brasil. Os primeiros passos do fascismo no Brasil foram influenciados pelo da Itália. Segundo Bertonha (2001), começaram a surgir, desde 1922, com a Legião Cruzeiro do Sul; posteriormente, com movimentos como o Partido Nacional Fascista/Ação Social Brasileira, a Legião Cearense do Trabalho, o Partido Nacional Sindicalista, o Partido Fascista Brasileiro, a Ação Imperial Patrianovista Brasileira e a Legião 3 de Outubro. Neste sentido, retoma-se a formação da Ação Integralista Brasileira⁵ (AIB), em 1932, nacionalista católica de extrema direita, que reforçou esta inspiração no movimento fascista italiano no país.

A AIB presava “os princípios eternos da religião do povo” e o “sentimento da família e dos deveres para com ela”, com o lema “Deus, Pátria, Família”, pois via a religião cristã e a família como pilares de um projeto fascista no Brasil. Trocando a religião cristã pela neopentecostal, o que

5 Liderada por Plínio Salgado.

estamos presenciando no país, com os discursos de Bolsonaro que influenciam as ações de seus seguidores, é uma rearticulação do fascismo.

Aparentemente, as ideias fascistas pareciam ter se dissipado no país, mas a sua retomada, com os discursos de Jair Bolsonaro, nos faz questionar se a existência de um comportamento autoritário e conversador da população brasileira não são os responsáveis pela manutenção do fascismo ao longo dos anos, o qual vem à tona em momentos de crise democráticas e instabilidades, principalmente econômicas, que ampliam o ceticismo na política. Esse legado autoritário e conservador presente na cultura política brasileira foi apontado como responsável pela falta de uma cultura política democrática (TORRES, 1933; VIANNA, 1952, 1956; AMARAL, 1934; FREYRE, 1986; HOLANDA, 1969). Esses estudos revelam as práticas clientelistas, personalistas, patrimonialistas, paternalistas e corporativas (que ganharam destaque com o estudo de Faoro (1975), as quais se mantêm até hoje e são consideradas estruturais na cultura brasileira (AMORIM, 2006; MOISÉS, 1995; BAQUERO, 1997).

3 Mecanismos do fascismo

De Felice (1988, p. 29-30) destaca que o fascismo apresenta dois vieses diferentes para serem estudados, um deles sobre o governo fascista, falando especificamente do governo de Mussolini, e o outro sobre o movimento fascista:

O fascismo como movimento é aquela porção de aspirações renovadoras, de interpretações de certas exigências, de certos estímulos, de certos motivos de renovação; é aquela porção de “revolucionaríssimo” que há no próprio fascismo, e que tende a construir alguma coisa de novo. É um conjunto de elementos antes de tudo, culturais (conscientes ou inconscientes) e psicológicos, que, em partes, são os do fascismo intransigente e pré-marcha sobre Roma, mas, em parte, são algumas coisas de novo e de diferente (e de sucessivo), que constitui a auto apresentação do fascismo projetado no futuro, dos condicionamentos, dos “medos”, das derrotas impostas pelo regime, além da própria vida de Mussolini. E, sob este perfil, ele constitui um comportamento essencial para compreender o consenso; é-lhe o componente moral ao lado do material (o de “segurança”). O fascismo como regime, ao contrário, é a política de Mussolini [personificada]. Se põe como o resultado de uma política que tende a fazer com que o fascismo seja visto como apenas a superestrutura de um poder pessoal, de uma linha política que, por muitos aspectos, se torna a herança de uma tradição.

Com essa divisão, é possível compreender que o fascismo não foi uma anomalia na política europeia, mas, sim, um movimento ideológico que representou uma época (no caso, a Europa pós-guerra) e uma sociedade (no caso, a italiana). A partir disso, pode-se compreender como o fascismo se mantém até os dias de hoje e conquista adeptos. Independentemente da percepção revolucionária (SCHOENBAUM, 1966; DAHRENDORF, 1967) ou contrarrevolucionária do fascismo⁶ (KERSHAW, 1997; TRINDADE, 1974), há uma convergência de que tal ideologia era uma forma de dominação com métodos terroristas que impedia o exercício de direitos, liberdades e garantias básicas dos indivíduos, ao passo que esmagava movimentos populares e organizações de esquerda. Ou seja, o fascismo do século XX constitui-se como um tipo de sistema político caracterizado por ser antidemocrático, ultranacionalista, autoritário, conservador e sexista, além de cultuar a tradição, o militarismo e desprezar os direitos humanos.

Partindo dessas características do fascismo do século XX e da ascensão, nos últimos anos, em países de todos os cantos do mundo, de uma espécie de nacionalismo de extrema direita, Stanley (2018) apresenta as táticas fascistas que são mecanismos para alcançar o poder. Segundo o autor, “[...] quando aqueles que empregam essas táticas chegam ao poder, os regimes que eles praticam são, em grande parte, determinados por condições históricas específicas” (STANLEY, 2018, p. 14). Ainda que a política fascista não conduza necessariamente a um estado explicitamente fascista, ela é perigosa de qualquer maneira (STANLEY, 2018).

Há um perigo iminente para a democracia; afinal, embora seja possível a convivência entre um regime democrático e uma ideologia fascista, o regime fica deteriorado pelo autoritarismo de um líder que se coloca acima das demais instituições democráticas. Também há o perigo de aumento das desigualdades econômicas e sociais, visto que desumaniza segmentos da população, excluindo grupos, exercendo repressão da liberdade, dividindo a população por meio de distinções étnicas, religiosas e raciais.

6 Paxton (2007, p. 244) buscou um ponto de equilíbrio entre as duas interpretações: “[...] o fascismo foi revolucionário em suas concepções radicalmente novas da cidadania e das formas de participação individual na vida comunitária. Foi contrarrevolucionário, contudo, com respeito aos projetos tradicionais da esquerda, tais como as liberdades individuais, os direitos humanos, o devido processo legal e a paz internacional”.

Por isso, são importantes as análises que buscam compreender o emprego das táticas fascistas nos discursos de líderes. Stanley (2018) destaca que a política fascista inclui muitas estratégias, tais como: o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. O quadro abaixo apresenta, resumidamente, as táticas fascistas elencadas por Stanley.

Quadro I – Táticas fascistas

Táticas	Mecanismos
O passado mítico	<ul style="list-style-type: none"> - Invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído. Pode ser religiosamente puro, racialmente puro e culturalmente puro. - Evoca uma versão extrema da família patriarcal. - Reforça que o passo mítico era um tempo de glória da nação, com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exército repleto de guerreiros leais. - Este passado foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito “por valores universais”, como a igualdade, pois estes valores supostamente enfraquecem a nação. - Sustenta uma ideologia autoritária e hierárquica.
Propaganda	<ul style="list-style-type: none"> - O papel da propaganda política é de ocultar os objetivos problemáticos de políticos ou movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos. - Usa linguagem dos ideais virtuosos. - Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas. - Fortes campanhas anticorrupção.
Anti-intelectualismo	<ul style="list-style-type: none"> - Mina o discurso público atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem. - As escolas devem apresentar aos alunos a cultura dominante e seu passado mítico. - A educação é considerada uma ameaça ao fascismo. - Busca solapar a credibilidade das instituições universitárias que abrigam vozes independentes de dissensão até que elas possam ser substituídas pela mídia e por universidades que rejeitam essas vozes. - Dentro das universidades visam professores que consideram demasiadamente politizados e denunciam áreas inteiras de estudo. - Acusam as universidades de doutrinação marxista. - O objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir o orgulho do passado mítico.

Táticas	Mecanismos
Irrrealidade	<ul style="list-style-type: none"> - Substitui o debate fundamentado por medo e raiva. - O que é bem-sucedido quando o público fica com uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que são ditos como responsáveis pela perda. - Troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo. - Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo de destruição da informação. - Mente de forma inconsequente. - Apresenta teorias conspiratórias (principalmente elevando o anticomunismo). - Desacreditam a mídia liberal e sugerem comportamento mentiroso da mídia. - Abala a confiança na imprensa e nas universidades. - Os políticos se apresentam como defensores de valores democráticos, mas não são.
Hierarquia	<ul style="list-style-type: none"> - A natureza impõe hierarquias de poder e dominância que contrariam categoricamente a igualdade de respeito. - A hierarquia é uma espécie de ilusão em massa, e os políticos representam os mitos que legitimam suas hierarquias como fatos imutáveis. - A lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres. - Reforça a crença de que existem diferenças genéticas de grupos em termos de habilidades cognitivas ou capacidade de controlar as próprias ações, principalmente entre gêneros, raças e etnias.
Vitimização	<ul style="list-style-type: none"> - A ascensão de grupos minoritários é vista como uma ameaça pelos grupos dominantes. - Essa vitimização dos grupos dominantes frente à perspectiva de ter que dividir cidadania e poder com grupos minoritários é amplamente usada pelos políticos fascistas. - A propaganda fascista apresenta normalmente hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante. - Esse sentimento de vitimização é utilizado pelo fascismo para justificar formas de opressão passadas, atuais e novas. - A política fascista encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para enfrentá-la. - O líder fascista emprega um sentimento de vitimização coletiva para criar uma noção de identidade de grupo que é, por sua natureza, oposto ao ethos cosmopolita e ao individualismo da democracia liberal.

Táticas	Mecanismos
Lei e ordem	<ul style="list-style-type: none"> - A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. - Na política fascista, mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, “cosmopolitas decadentes”, aqueles que não defendem a religião dominante, são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e ordem. - Discussões que usam termos como “criminosos” para abranger tanto aqueles que cometem diversos homicídios por prazer quanto aqueles que cometem infrações de trânsito, ou “tumulto” para descrever um protesto político, mudam atitudes e moldam a política.
Ansiedade sexual	<ul style="list-style-type: none"> - Se o demagogo é o pai da nação, então qualquer ameaça à masculinidade patriarcal e à família tradicional enfraquece a visão fascista de força. - O fascista promove o medo de cruzar e misturar raças, de corromper a nação pura. - Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais. - Apresenta o aborto como uma ameaça à liberdade da criança.
Sodoma e Gomorra (são os pontos de referência bíblicos para a fonte de ansiedade sexual)	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto as cidades, para o imaginário fascista, são consideradas corrompidas, o campo é puro. - Ressalta o valor do rural, alimentando o mito insultuoso de que os trabalhadores rurais pagam para ajudar os moradores urbanos preguiçosos. - A precisão desses ataques não é importante para o sucesso, apenas serve para conquistar os eleitores fora das grandes cidades. - A ideologia fascista rejeita o pluralismo e a tolerância.
Arbeit Macht Frei (o slogan nos portões de Auschwitz e Buchenwald: o trabalho liberta)	<ul style="list-style-type: none"> - Em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para membros da nação escolhida, para “nós” e não para “eles”. A justificativa é que “eles” são preguiçosos, carecem de ética e trabalho, e não podem receber fundos estatais, pois são criminosos e querem viver somente da generosidade do Estado. - Oposição aos programas de políticas sociais. - Reforço das variáveis racismo, na crença de que os pobres são preguiçosos. - Endosso a certo individualismo e valorização da autossuficiência. - Ideal de trabalho duro contra a preguiça. - Reprimir sindicatos.

Fonte: Stanley (2018).

Segundo Stanley (2018, p. 178), esses mecanismos se apoiam uns nos outros, fortalecendo a diferença entre “nós” e “eles”,

[...] com base num passado fictício romantizado, em que há “nós”, mas não “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições. “Eles” são criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). “Eles” mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ou da “justiça social”, e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que “nós” nos tornemos fracos. “Nós” somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio do trabalho; “eles” são indolentes, perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre “nós” e “eles”, independentemente de realidades óbvias.

A partir dessas táticas fascistas e de seus mecanismos de atuação para conquista e manutenção do poder, fica mais nítida a ameaça do fascismo à democracia e à igualdade social, visto que a base do fascismo é minar os valores democráticos e priorizar os valores tradicionais, bem como excluir e fomentar a intolerância com os grupos minoritários. Em menor ou maior grau, muitos países estão vivenciando a ascensão de movimentos fascistas, e o Brasil está nesta onda fascista; por isso, é importante analisarmos o discurso do atual presidente da república através das táticas apresentadas.

4 Cenário brasileiro das eleições de 2018: Como chegamos aqui?

O panorama em que se desenvolveram as eleições de 2018 foi marcado por uma forte tensão social já deflagrada desde os movimentos de 2013. Ao longo desse período, desenvolveu-se a operação Lava Jato, destinada a investigar crimes de corrupção cometidos por políticos e empresas que concediam serviços ao Estado, o que causou uma grande midiaticização e judicialização da política (ABRANCHES, 2019, p. 20). O período foi marcado por um impeachment, até hoje questionado e chamado de “golpe”, e diversas manifestações pró e contra o Governo, nas quais “novas e velhas” candidaturas foram se formando – como a de Jair Bolsonaro – embora ainda não oficialmente (SOLANO, 2019). “Novas” candidaturas, pois houve a maior taxa de renovação do Congresso desde 1994, mas também “velhas”, pois foram reeleitos candidatos com acusações de corrupção e a bancada mais conservadora que já era eleita desde o regime

militar em 1964 – tendência que já havia se mostrado presente em 2014 (ABRANCHES, 2019).

As redes sociais foram marcadas pela ação dos *bots* sociais e de criação de notícias falsas, que cresceram de forma profícua no período, alavancadas em momentos-chaves e de condenação da Operação Lava-Jato (ARNAUDO, 2017; FACHIN e MACHADO, 2018). Frente à prisão de Lula, Bolsonaro passou a ter a maior intenção de voto nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e do Datafolha. No primeiro levantamento após o anúncio da inelegibilidade de Lula na pesquisa realizada pelo Ibope, 11 candidatos apareciam com mais de 1% de intenção de voto, sendo os principais: Bolsonaro (PSL) com 22%; Marina Silva (Rede) e Ciro Gomes (PDT) empatados com 12%; Geraldo Alckmin (PSDB) com 9% e Fernando Haddad (PT) com 6%; juntamente com 21% de brancos/nulos e 7% que afirmaram não saber ou não querer opinar. Nesse mesmo cenário, a rejeição a Bolsonaro chegava a 44% dos entrevistados (IBOPE, 2018).

Todo esse processo desencadeou uma exaltação dos discursos dos candidatos à presidência que reverberou na sociedade brasileira (COSTA; BLANCO, 2019; LEAHY; SCHIPANI, 2018). O clima de intolerância política perdurou por toda a campanha eleitoral e, muitas vezes, foi além de discursos nas redes sociais e gerou casos de violências nas ruas (VENTURINI, 2018). Ao passo que Bolsonaro fazia gestos de arma com as mãos, sinalizando a liberalização de armas no país – pauta de sua campanha –, o então candidato chegou a ser vítima de uma facada no abdômen durante ato de campanha, em Juiz de Fora, em Minas Gerais/MG, incidente que foi chave na corrida eleitoral e gerou inúmeras *fake news* (CODING RIGHTS, 2018; ITUASSU *et al.*, 2018).

O tempo de televisão dos candidatos, e a verba utilizada em suas campanhas, eram tidos, historicamente, como fatores importantes para o sucesso político nas campanhas eleitorais – exceto a campanha de Fernando Collor em 1989 (ABRANCHES, 2019) –, não foram determinantes neste pleito (MELO, 2019). Nos termos de Sérgio Abranches (2019, p. 12), a vitória de um candidato vindo de um partido até então inexpressivo no cenário político, marcou “[...] o fim do ciclo PT-PSDB do presidencialismo

de coalizão na Terceira República que organizara governo e oposição desde 1994”. A recorrente disputa bipolarizada para a presidência, entre o PT e o PSDB, no segundo turno, foi desfeita.

Bolsonaro foi o candidato que mais utilizou as próprias redes sociais para dialogar com seu eleitorado. Muitas vezes, estabelecendo embates com a “mídia tradicional”, ao longo da eleição e depois de eleito, Bolsonaro tem utilizado fortemente do Twitter e sua página oficial do Facebook para comunicar-se com a população. Adotando a conotação de *fake news* utilizada por Trump, determinando críticas e notícias desfavoráveis às suas ações como *fakes*, Bolsonaro evita os *gate keepers* da mídia tradicional que desqualificada como “esquerdista”, comunicando-se diretamente com a população nas redes sociais, pelo uso de *lives* e pronunciamentos diários (ARIAS, 2019). A desqualificação da mídia tradicional ocorre desde a Rede Globo, até o The Economist, o The Guardian e todos os principais grandes veículos de comunicação brasileiros (MELLO, 2018a).

Na época do segundo turno, Bolsonaro tinha 1,6 milhão de seguidores no Twitter e 7,49 milhões no Facebook – em comparação, Haddad tinha 742 mil seguidores no Twitter e 808 mil no Facebook (MELLO, 2018b). Mesmo antes do atentado em Minas Gerais, Bolsonaro não estava frequentando os debates presidenciais promovidos na televisão aberta; e, após o incidente, focou a sua campanha ainda mais nas redes sociais.

De acordo com dados da Organização We Are Social, lançada em fevereiro de 2019, 66% da população brasileira faz uso de redes sociais e passa uma média de 3 horas e 34 minutos conectada apenas nas redes sociais.

Seguindo os casos anteriores, houve massiva atuação de *bots* no Twitter, Facebook e páginas de comentários de notícias. No entanto, avançando o que foi apenas uma sombra da eleição de 2014, descobriu-se que a maior propagação de notícias falsas se deu dentro do aplicativo de conversas WhatsApp – parte do Facebook. Cerca de 44% da população afirmou que utiliza o aplicativo para se informar sobre política; além disso, o fato de muitas companhias celulares restringirem o pacote de dados 3G ao uso do aplicativo torna mais difícil a verificação do acontecimento, muitas vezes esquecida antes de repassar a mensagem (BERNARDI, 2020).

Aliado a isso, igualmente, está a questão da desconfiança nas instituições, mas também da mídia tradicional (quase 40% das pessoas afirmaram ter quase nenhuma/nenhuma confiança nos meios de comunicação). Nessas situações, as pessoas confiam mais nas informações recebidas por seus círculos próximos, familiares e amigos (apenas 8% e 21,4% afirmaram ter nenhuma/quase nenhuma confiança respectivamente) – muitas vezes recebendo *fake news* em grupos fechados do WhatsApp, que não são rastreáveis (IBOPE, 2018).

Uma semana antes da votação para o segundo turno, veio à tona que empresários estariam patrocinando pacotes de “envio de mensagens em massa” contendo uma série de *fake news* sobre a chapa petista, processo que ainda está em investigação pelo Ministério Público e pela Polícia Federal (CODING RIGHTS, 2018; MELLO, 2018a). Recentemente, em 18 de junho de 2019, investigação da Folha de São Paulo encontrou documentos e áudios que reforçam essa narrativa, inclusive envolvendo a agência espanhola Enviawhats como contratada por empresários brasileiros para fazer os disparos pró-Bolsonaro.

O acirramento das campanhas políticas no segundo turno envolveu o uso de *fake news* não apenas sobre os presidentiáveis, mas também sobre a lisura do próprio pleito eleitoral. Levantamento da Fundação Getúlio Vargas e Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV/DAPP) apontou que, apenas no Facebook, houve mais de 400 mil compartilhamentos da imagem que atribuía ao candidato Fernando Haddad (PT) a criação do chamado “Kit Gay”. Apesar da proibição e derrubada de propaganda eleitoral de Jair Bolsonaro em decisão do TSE na data de 16 de outubro, novos *links* e imagens sobre essa *fake news* foram divulgados, atingiram mais de 100 mil compartilhamentos entre o dia 16 e 22 de outubro de 2018. Já a *fake news* mais compartilhada das eleições foi sobre fraude nas urnas eletrônicas, chegando a 3.341.621 menções entre Facebook e Twitter entre o dia 22 de setembro e 21 de outubro de 2018 (FGV/DAPP, 2018).

5 Análise de discurso de Bolsonaro: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos

A partir do enquadramento teórico realizado por Stanley (2018), analisamos os discursos oficiais após a apuração do primeiro turno do presidente Jair Bolsonaro, até o final do primeiro mês do seu mandato, classificando elementos fascistas dentro das categorias concebidas pelo autor. No total, foram analisados nove discursos oficiais realizados pelo candidato, sendo os dois primeiros sucessivos aos resultados da apuração das urnas (primeiro e segundo turno), e os demais em exercício de posse como presidente ao longo do primeiro mês de mandato, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Descrição dos discursos e pronunciamentos de Jair Bolsonaro analisados

Data	Evento	Localidade
08/10/2018	Declaração após resultados do primeiro turno (BOLSONARO, 2018a).	Rio de Janeiro [online]
28/10/2018	Declaração após vitória no segundo turno (BOLSONARO, 2018b).	Rio de Janeiro
01/01/2019	Discurso durante Cerimônia de Posse como Presidente da República no Congresso Nacional (BOLSONARO, 2019a).	Brasília
01/01/2019	Discurso durante cerimônia de recebimento da Faixa Presidencial (BOLSONARO, 2019b).	Brasília
02/01/2019	Discurso durante Cerimônia de Transmissão do Cargo de Ministro da Defesa (BOLSONARO, 2019c).	Brasília
07/01/2019	Discurso durante Cerimônia de Posse do Presidente do Banco do Brasil (BOLSONARO, 2019d).	Brasília
15/01/2019	Discurso durante assinatura do Decreto que autoriza posse de armas de fogo (BOLSONARO, 2019e).	Brasília
16/01/2019	Declaração à imprensa após Cerimônia de Assinatura de Atos entre Brasil e Argentina (BOLSONARO, 2019f).	Brasília
22/01/2019	Discurso durante a abertura da Sessão Plenária do Fórum Econômico Mundial 2019 (BOLSONARO, 2019g).	Davos, Suíça

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Trabalhando com o software NVivo, no Gráfico 1, apresentado a seguir, demonstram-se as diferentes categorizações e os tamanhos de cada quadro, que foram dimensionados conforme o volume encontrado de dada categoria nos discursos do presidente. Ademais das caracterizações realizadas pelo autor, adicionamos outras quatro categorias como específicas do discurso “bolsonarista”, que reforçam seus laços com o discurso fascista, sendo estas o “uso de Deus e da Bíblia”, a construção da “verdade acima de todos” como uma forma de deflagração do discurso de “corrupção” promovida pelo governo petista e da “ameaça comunista/ideologização da política”.



Gráfico 1 – Categorização do discurso fascista de Bolsonaro

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Nesse sentido, a categoria mais presente nos discursos foi a que encontra cor no discurso de Lei e Ordem. Conforme Stanley (2018, p. 187),

“[...] a retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei”. Parte dessa operacionalização se dá na criação de um inimigo comum. Em países como Hungria e Estados Unidos, os inimigos comuns (Eles) são colocados como os imigrantes, e, mais recentemente, os refugiados. No Brasil, embora essa retórica tenha crescido nos últimos anos, sobretudo na divisa com a Venezuela, a porcentagem de imigrantes no país é muito baixa; assim, encontra eco na denúncia de corrupção e na ideologização dos valores políticos como forma de construção de um inimigo comum, o qual é direcionado à esquerda, sobretudo às universidades públicas colocadas como doutrinas marxistas.

Nesse sentido, selecionamos alguns trechos dos discursos que exaltam as características mencionadas:

“Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem **na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade**, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica”. (BOLSONARO, 2019a).

“As reformas a que nos propomos serão para criar um novo futuro para os brasileiros. E, quando digo isso, falo com uma mão voltada para o seringueiro no coração da selva amazônica e a outra para o empreendedor suando para criar e desenvolver sua empresa. **Porque não existem brasileiros do sul ou do norte. Somos todos um só país, somos todos uma só nação!**”. (BOLSONARO, 2018b).

Conforme estão frisadas, algumas palavras dos trechos acima fazem parte do jargão comumente utilizado pelo presidente Bolsonaro, e aparecem com muita frequência em suas falas e buscam ressaltar o sentimento de toda a população como uma única nação. Na Figura 2 (nuvem de palavras), evidenciamos as principais palavras que aparecem nos discursos e pronunciamentos analisados neste estudo, com o grau de centralidade e o tamanho relacionados ao volume de uso.

um inimigo criado; neste caso, o comunismo representado pelo PT e pela corrupção.

Seguindo as categorias de Stanley (2018), temos o uso da propaganda:

“Estou aqui, porque acredito em vocês. **E vocês estão aí, porque acreditam no Brasil. Nós somos um só povo, temos uma só bandeira, um só coração.** A nossa união fará com que tenhamos um governo decente, **um governo que trabalha sim!**”. (BOLSONARO, 2018a).

Destaca-se o segundo maior item da categorização, que é atribuída ao uso de propaganda. Nos termos de Stanley (2018, p. 51): “O papel da propaganda política é ocultar os objetivos claramente problemáticos de políticos ou de movimentos políticos, mascarando-os com ideais amplamente aceitos”. Esses ideais citados, tendem a ser amplos e generalistas, por exemplo, “liberdade” e “defesa à família”; mas, muitas vezes, já eles vêm carregados de conceitos de caracterização dessa família e hierarquização de determinadas liberdades sobre outras. Nesse sentido, ressaltamos algumas falas:

“**Vamos defender a família, os verdadeiros direitos humanos;** proteger o direito à vida e à propriedade privada e promover uma educação que prepare nossa juventude para os desafios da quarta revolução industrial”. (BOLSONARO, 2019g).

“**A verdade vai libertar este grande país,** e a liberdade vai nos transformar em **uma grande nação**”. (BOLSONARO, 2018b).

Seguidamente usa-se, como fonte de propaganda, o “discurso anticorrupção, sendo essa corrupção não apenas política, mas a que diz respeito à “modificação dos valores tradicionais da sociedade” (STANLEY, 2018, p. 54-55), usando as liberdades da democracia contra ela mesma. E Bolsonaro, ao combater a “corrupção”, utiliza uma estratégia de deslegitimação,

“O Brasil teve uma experiência de 13 anos [referência ao Governo PT] com o que há de pior na política. Como herança, tivemos aqui **um país que viu seus valores familiares desgastados.** [Eles] mergulharam o país na mais profunda **crise ética, moral e econômica nunca vista.** O nosso país realmente está à beira do caos”. (BOLSONARO, 2018a).

“**A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar.** Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam, de verdade, a toda a Nação. **Por muito tempo, o País foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros.** Vamos restabelecer a ordem neste País”. (BOLSONARO, 2019b).

De encontro a essa ideia, está a caracterização da hierarquia no discurso fascista. Segundo Stanley (2018), na hierarquia, os líderes fascistas forjam seus argumentos discriminatórios, sob a ótica de que existem diferenças naturais entre os indivíduos na sociedade que “desfaz a obrigação de considerá-los como iguais” (STANLEY, 2018, p. 145) – ou seja, alguns seriam “mais merecedores” que outros, o que se justifica pelo bom trabalho que servem à pátria. O senso de hierarquia também reverbera na sociedade conservadora que teme a perda de seu status por associação a grupos menos abastados (STANLEY, 2018, p. 154).

“O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa. Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares”. (BOLSONARO, 2019e).

“Daqui em diante, nos pautaremos **pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas**, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho **e não para a militância política**; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, **pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias**”. (BOLSONARO, 2019a).

No que tange ao discurso acerca de Deus e da Bíblia, embora não classificado nos termos de Stanley (2018), o Brasil tem toda uma estrutura católica cristã – e evangélica em ascensão –, que usa a “irrealidade” como forma de conquistar devotos politicamente ao substanciar a fé com base no medo e na raiva. A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço da informação. Dessa forma, um líder fascista “[...] pode substituir a verdade pelo poder, chegando a mentir de forma insequente. O político fascista possui técnicas específicas para destruir os espaços de informação e quebrar a realidade” (STANLEY, 2018, p. 104-105).

“Nunca estive sozinho. Sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro. Orações de homens, mulheres, crianças, famílias inteiras que, diante da ameaça de seguirmos por um caminho que não é o que os brasileiros desejam e merecem, colocaram o Brasil, nosso amado Brasil, acima de tudo”. (BOLSONARO, 2018b).

“Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis. Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação. Que Deus abençoe esta grande nação”. (BOLSONARO, 2019b).

Nessa esteira, o anti-intelectualismo e a negação da ciência em um contexto de pós-verdade, são fortemente emancipados como realidades. A aversão ao politicamente correto e a perseguição às discussões críticas, vistas como ideológicas, demonstram a tentativa de construção de uma realidade artificial, na qual “Eles” buscam doutrinar a sociedade, e “Nós” tentamos salvar a pátria. A demonização da esquerda como responsável por ter “quebrado” o país, é materializada em trocadilhos com direção política, pois, conforme colocado pelo Presidente: “*Não podemos dar mais um passo à esquerda. O nosso passo agora é para o centro direita*” (BOLSONARO, 2019a). Neste discurso, destaca-se a busca por igualdade de direitos como uma pauta de “ideologização da política” – ou mesmo de uma ameaça comunista –, a qual despreza sexualidades fora das tradicionais (“ansiedade sexual”) através de uma vitimização da classe dominante que “trabalha pela sociedade” e é excluída pelo discurso do politicamente correto.

“É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como Presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, **como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto**. Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, **combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores**. O Brasil voltará a ser um **país livre das amarras ideológicas**”. (BOLSONARO, 2019a). “Falamos sempre, com franqueza, como deve ser, entre amigos e parceiros (incompreensível), **sem qualquer viés ideológico**. Não há tabus na relação bilateral, o que nos move é a busca de resultados concretos, que contribuam para o desenvolvimento de nossos países e para o bem-estar dos brasileiros e argentinos”. (BOLSONARO, 2019f).

É importante destacar, dada a grande polarização política no Brasil, o uso de comunismo e termos associados, como forma de incitação à violência. Em 130 anos de República, nenhum dos presidentes eleitos usou os termos comunismo ou socialismo em seus discursos de posse, nem mesmo os militares. Em 1937, Getúlio Vargas fez menção à ameaça comunista que o Brasil passou na década de 1930. No entanto, passada a Guerra Fria, aparentemente é algo que ainda gera preocupação no atual presidente.

“Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. **Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela**”. (BOLSONARO, 2019b).

“Não podemos continuar flertando com o socialismo ou com o comunismo. É o que está aí [referência ao PT e a Fernando Haddad, com o qual disputou o segundo turno]”. (BOLSONARO, 2018a).

6 Considerações finais

A ideologia fascista não acabou após a Segunda Guerra Mundial. Ela permaneceu nas sociedades contemporâneas como um vírus pronto para atuar novamente em situações de crise econômica e, até mesmo, de valores democráticos. Os discursos de líderes autoritários que falam em nome da população estão cada vez mais comuns no mundo do século XXI. E o Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro, também está nesta leva de países com apelo ultranacionalista e que utilizam táticas fascistas como mecanismos para alcançar e manter o poder.

A grande inovação da ideologia fascista é a disseminação de seus ideais por intermédio das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente as redes sociais, atingindo amplamente a população e criando um outro fenômeno que é o da “pós-verdade” decorrente da criação e do “envio de mensagens em massa” de *fake news*. Ou seja, mais uma vez, o fascismo soube empregar muito bem a propaganda a seu favor, modernizando-se, adaptando-se ao novo processo de comunicação da sociedade contemporânea. O objetivo deste artigo foi demonstrar, a partir das falas de Jair Bolsonaro, tanto em sua campanha eleitoral e quanto no seu primeiro mês de presidência, que este emprega um discurso de cunho fascista. Este objetivo foi alcançado com o uso da conceituação das estratégias fascistas elencadas por Stanley (2018) e com a análise dos discursos e pronunciamentos do presidente.

Tais discursos apresentam as características elencadas por Stanley, e outras, que se mostram muito específicas do caso brasileiro – como o apelo a ideia do comunismo como “inimigo comum” e a associação de manifestações sociais como forma de “crime” e “tumulto”. O atual presidente chega a ser chamado de “mito” e novo messias da política brasileira.

A abertura para a existência desse “fascismo à brasileira”, presente nos discursos de Jair Bolsonaro, teve oportunidade a partir do contexto de crise econômica mundial que assolou o Brasil mais fortemente a partir de 2014, que reavivou um sentimento de incompetência das instituições políticas. Junta-se a isso uma crise de valores democráticos, característica do tipo de cultura política presente no país e que dá suporte para líderes fortes, repressão de liberdades, intolerância política e forte apego ao passado militar.

Embora haja a constatação do emprego de um discurso fascista, acreditamos que estaríamos distantes de um governo fascista, aos moldes do século XX; no entanto, a ascensão do movimento fascista no Brasil está deteriorando a já instável democracia brasileira, evidenciando, ainda mais, a crença na incapacidade das instituições políticas e a manutenção de uma cultura política de resignação.

Referências

- ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES, S. *et al.* (ed.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 9-46.
- AMARAL, A. **O Brasil na crise atual.** São Paulo: Nacional, 1934.
- AMORIM, M. S. S. de. **Cultura Política e Decisão Eleitoral no Oeste do Paraná.** 2006. 253 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ARIAS, J. Por que a guerra de Bolsonaro contra a mídia prejudica a imagem do Brasil no mundo. **El País Brasil**, 01 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/opinion/1546636281_491737.html. Acesso em: 16 jun. 2019.
- ARNAUDO, D. Computational Propaganda in Brazil: Social Bots during Elections. **Computational Propaganda Research Project**, [s. l.], v. 8, p. 1-39, 2017.
- BAQUERO, M. O papel dos adolescentes no processo de construção democrática no Brasil: um estudo preliminar de socialização política. **Cadernos de Ciência Política**, Porto Alegre, n. 8, p. 3-34, 1997.
- BERTONHA, J. F. A questão da Internacional Fascista no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, n. 1, p. 99-118, 2000.

BERTONHA, J. F. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-105 2001.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. **Fake News e as Eleições de 2018 no Brasil: Como Diminuir a Desinformação?** 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Declaração após resultados do primeiro turno**. Rio de Janeiro [online], 08 de outubro 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W03TbRU7So0> Acesso em: 21 mar. 2019

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso de vitória no segundo turno**. Rio de Janeiro, 28 de outubro 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/integra-discurso-de-jair-bolsonaro-apos-vitoria-eleitoral.ghtml> Acesso em: 21 mar. 2019.

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso de posse no Congresso**. Brasília, 01 de janeiro de 2019a. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional> Acesso em: 19 mar. 2019

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso durante cerimônia de recebimento da faixa presidencial**. Brasília, 01 de janeiro de 2019b. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-transmissao-do-cargo-de-ministro-da-defesa-do-senhor-joaquim-silva-e-luna-ao-senhor-general-fernando-azevedo-brasilia-df> Acesso em: 22 mar. 2021

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso durante Cerimônia de Transmissão do Cargo de Ministro da Defesa**. Brasília, 02 de janeiro de 2019c. Disponível em:

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso durante Cerimônia de Posse do Presidente do Banco do Brasil**. Brasília, 07 de janeiro de 2019d. Disponível em: ?. Acesso em: ?.

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso durante assinatura do Decreto que autoriza posse de armas de fogo**. Brasília, 15 de janeiro de 2019e. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-do-presidente-do-banco-do-brasil-o-senhor-rubem-novaes-presidente-do-banco-nacional-de-desenvolvimento-economico-e-social-bndes-o-senhor-joaquim-levy-e-o-presidente-da-caixa> Acesso em: 21 mar. 2021

BOLSONARO, Jair Messias. **Declaração à imprensa após Cerimônia de Assinatura de Atos entre Brasil e Argentina**. Brasília, 16 de janeiro de 2019f. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discorso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-do-presidente-do-banco-do-brasil-o-senhor-rubem-novaes-presidente-do-banco-nacional-de-desenvolvimento-economico-e-social-bndes-o-senhor-joaquim-levy-e-o-presidente-da-caixa> Acesso em: 22 mar. 2021

BOLSONARO, Jair Messias. **Discurso durante a abertura da Sessão Plenária do Fórum Econômico Mundial 2019**. Brasília, 22 de janeiro de 2019g. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-a-abertura-da-sessao-plenaria-do-forum-economico-mundial-2019>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CODING RIGHTS. **Data and Elections in Brazil 2018** – Brazilian Country Report. 2018. Disponível em: <https://ourdataourselves.tacticaltech.org/projects/data-and-politics/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

COSTA, M. C. C.; BLANCO, P. **Pós-Tudo e crise da Democracia**. São Paulo: Palavra Aberta, 2018.

DAHRENDORF, R. **Society and democracy in Germany**. New York; London: W. W. Norton & Company, 1967.

DE FELICE, R. **Entrevista sobre o Fascismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FACHIN, P.; MACHADO, R. **Eleições 2018**. A radicalização da polarização política no Brasil. Algumas análises. Entrevistas especiais. **Instituto Humanas Unisinos**, 08 out. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583456-eleicoe...arizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>. Acesso em: 31 maio 2019.

FAORO, R. **Os donos do poder**. Rio de Janeiro: Globo, 1975.

FINCHELSTEIN, F. **From fascism to populism in history**. Oakland, CA: University of California Press, 2017.

FINCHELSTEIN, F. Para una historia global del populismo: rupturas y continuidades. **Conhecer**: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 12-23, 2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV); DIRETORIA DE ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS (DAPP). 2018. Fraude nas urnas e ‘kit gay’ têm mais impacto que outras notícias falsas. **Sala de Democracia Digital** [on-line]. Disponível em: <https://observa2018.com.br/posts/fraude-nas-urnas-e-kit-gay-tem-maior-impacto-que-outras-noticias-falsas-em-twitter-facebook-e-youtube/>. Acesso em: 21 abr. 2019.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

GENTILE, F. Populismo e ciências sociais brasileiras: desafios teóricos e metodológicos. **Conhecer**: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 49-65, 2020.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA (IBOPE). **Confiança nas Instituições Brasileiras (ICS)** – junho de 2018. Brasil. CESOP, 2018.

ISAAC, M.; ROSE, K. Disinformation and fake news spreads over WhatsApp ahead of Brazil's presidential election. *The Independent*, [s. l.], p. 1-8, 2019. Acesso em: 14 jan. 2019.

ITUASSU, A. *et al.* Campanhas online e democracia: uma proposta de pesquisa para as eleições de 2018 no Brasil. **Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital**, [s. l.], p. 1-23, 2018. Disponível em: http://www.inctdd.org/wp-content/uploads/2018/08/ituassu-et-al-v_final.pdf. Acesso em: 14 jun. 2019.

KERSHAW, I. **Qu'est-ce que le nazisme?** Problèmes et perspectives d'interprétation. 2. ed. Paris: Gallimard, 1997.

LANDA, I. **The Apprentice's Sorcerer.** Liberal Tradition and Fascism. Boston: Brill. 2010.

LEAHY, J.; SCHIPANI, A. Brazilians elect Jair Bolsonaro in shift to the right. **Financial Times**, [s. l.], p. 4-9, 2018.

MARANHÃO FILHO, E. M. de A.; COELHO, M. F.; DIAS, T. B. "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". **Correlation**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 65, 2019.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo** [on-line], 18 de outubro de 2018a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 5 jun. 2019.

MELLO, Patrícia Campos. Trump e Bolsonaro "matam" os mensageiros da mídia tradicional. **Folha de S. Paulo**, [on-line], 9 de Outubro de 2018b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/trump-e-bolsonaro-matam-os-mensageiros-da-midia-tradicional.shtml>. Acesso em: 14 set. 2020

MELO, C. A marcha brasileira para a insensatez. In: ABRANCHES, S. *et al.* (ed.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 310-339.

MOISÉS, J. A. **Os brasileiros e a democracia.** Bases Sociopolíticas da legitimidade democrática. São Paulo: Ática, 1995.

PASSMORE, K. **Fascism.** A very short introduction. EUA: Oxford University Press, 2002.

PAXTON, R. O. **A anatomia do fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SCHOENBAUM, D. **Hitler's Social Revolution.** Class and status in Nazi Germany, 1933-1939. Garden City; NY: Doubleday, 1966.

SINGER, A. *et al.* Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira? **Folha de S. Paulo**, 9 jun. 2020.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, S. *et al.* (ed.). **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-321.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo.** A política do "nós e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.

- TORRES, A. **O problema nacional brasileiro**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.
- TRINDADE, H. **Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.
- VENTURINI, L. A violência na eleição. E o efeito do discurso dos políticos. **Nexo jornal**, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/10/10/A-violência-na-eleição.-E-o-efeito-do-discurso-dos-políticos>. Acesso em: 3 maio 2019.
- VIANNA, F J. de O. **Problemas de organização e problemas de direção: o povo e o governo**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- VIANNA, F J. de O. **Evolução do povo brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1956.
- WE ARE SOCIAL. **Global Digital Report**. 2019. Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 11 mai. 2019.

Recebido em 24/03/2020
Aceito em 15/07/2020
Versão final em 17/12/2021.

Brazilian fascism? Content analysis of Bolsonaro's speeches after the second round of the 2018 presidential elections

Abstract

The use of the term fascism addresses a series of authoritarian and totalitarian governments with a strong populist attachment. First, used to define the movement led by Mussolini in Italy, it is also commonly used to describe Nazi ideology and other authoritarian governments mainly concentrated at the heart of the far right - especially militaristically. In this sense, within the current context of the expansion of far-right governments around the world, the term has been gaining new contours. In the Brazilian case, although many use the authoritarian term, to describe the new Brazilian president Jair Bolsonaro, we seek in this article to demonstrate through his speeches in the electoral campaign and in the first month of presidency, that this one does use a fascist speech. To do so, we perform a re-reading of the main theorists on fascism enumerating their characteristics found in the bolsonarist discourse, such as; the construction of a common enemy, exaltation of a mythical past, devaluing minorities and disregarding democratic freedoms in the name of a war against corruption.

Keywords: Fascism. Fascist Tactics. Speech. Bolsonaro.